

© FUTURO DA PSICOLOGIA...

J. M. Curado

manucurado@gmail.com

Qual é o futuro da Psicologia, cinquenta anos depois das Ciências Cognitivas? Esta questão parece complicada mas, de facto, tem uma estrutura simples. Trata-se de mais uma manifestação do velho conflito entre os Antigos e os Modernos. Os Antigos são aqui representados pela Psicologia que tem como pais fundadores os Dois Guilhermes, isto é, Wilhelm Wundt e William James. Os Modernos são aqui representados pelas Ciências Cognitivas que celebram por estes dias os seus cinquenta anos. Pouco mais de meio século aparta estas duas ciências. Parece ser, pois, um exemplo de conflito de gerações em que os mais novos procuram um lugar ao sol que os mais velhos tardam em conceder. Esse meio século corresponde aproximadamente ao tempo de vida do Behaviorismo. Os novos desta história parecem ter como agenda retirar a pedra no sapato que foi o Behaviorismo durante tanto tempo. Por um lado, este movimento era uma boa ciência devido ao seu apreço pelo método rigoroso; por outro lado, era incapaz de ver os aspectos mais surpreendentes da mente humana.

Com este pano de fundo, qual é o futuro da Psicologia? Começarei pelo fim. Esse futuro é brilhante, isto é, ocupará cada vez mais áreas da vida dos indivíduos e das sociedades. Brilhante porquê?

Assistimos a um processo civilizacional extraordinário. A Ciência e o Direito entraram em áreas da vida privada que tinham antigamente a dignidade de não serem objectos de ciência e a dignidade de não serem assunto de diplomas legais dos estados. A vida contemporânea pode ser descrita rapidamente. No nosso sangue correm vacinas que são obrigatórias. Dificilmente teremos uma vida con-

fortável se recusarmos participar nos planos nacionais de vacinação. Este é um padrão geral. Também dificilmente teremos vidas confortáveis se recusarmos que os nossos filhos entrem nos sistemas de ensino. A escolaridade é obrigatória e toca por aí uma música feliz em que todos afirmam que isso é sinal de grande progresso. É difícil encontrar alguém que não tenha hipotecado a sua autonomia ao permitir a escravidão simpática de ter um bilhete de identidade. Rios de dinheiro público são desviados todos os anos para assuntos que cada pessoa e cada família deviam tratar em privado: educação, segurança e, até, cultura, como se a Cultura fosse um assunto que pudesse crescer com subsídios.

Cada uma destas situações permite vidas confortáveis e suburbanas. Mas o que é que todas elas significam, quando as juntamos e procuramos apreender o seu alcance? A tarefa de viver parece ser, cada vez mais, um assunto difícil que rapidamente se delega em alguém ou no estado. Vivemos na época mais paternalista da história. O discurso público é um maravilhoso discurso de liberdade. Mas temos que fazer um teste. Atreva-se cada um a não colocar os filhos na Ditadura Higienista dos planos nacionais de vacinação. Atreva-se cada um a recusar a escolaridade obrigatória. Atreva-se cada um a recusar que o seu dinheiro seja aplicado em gastos como os que vão para os organismos policiais e para a educação e cultura. Será uma vida infernal. O campo da liberdade é falacioso. Vivemos de facto numa civilização que nos permite muito pouco mas que nos dá muito para esquecermos o pequeno detalhe de que aquilo que recebemos não chega para pagar a dignidade que perdemos.



Os estados, o Direito e a Ciência são as realidades imperialistas da nossa época. Não param na fronteira da pessoa, na fronteira do privado e na fronteira da dignidade. Vendo as coisas com equilíbrio, ganha-se sempre alguma coisa quando se evitam os excessos do privado. Porém, o panorama geral é o de que perdemos no somatório geral sempre que a esfera do privado é invadida.

As nossas vidas estão cada vez mais transparentes. A Psicologia é parte deste processo. Coisas que sempre considerámos que deveriam ser tratadas com mero bom-senso são hoje tratadas com Ciência. Eis alguns exemplos caricatos. A primeira vez que as pessoas encontram a Psicologia acontece geralmente antes da Universidade. Inventou-se um pseudo-assunto científico chamado Orientação Profissional. Não existe no nosso mundo esse assunto. É óbvio que *parece* que existe; mas, *de facto*, não existe. Isto é, se desligarmos o bom-senso, a razoabilidade mínima da inteligência humana, até parece que o mundo precisa de um assunto chamado Orientação Profissional. Os Índios das pradarias do Oeste não precisavam de orientação profissional. Bem, talvez eles tivessem uma dignidade que hoje já não compreendemos. A tarefa de viver implica escolher de forma certa e de forma errada. Isso é viver e não algo que a Ciência ou o Direito possam fazer por cada um de nós.

Se o único exemplo fosse a Orientação Profissional, estaríamos todos melhor. Multipliquemos centenas de vezes este exemplo. O mundo clínico da Psicologia está absurdamente rico com muitos outros exemplos da abdicação da tarefa de viver. Aconselhamento sexual, aconselhamento conjugal, terapia familiar, combate à obesidade dos consumidores compulsivos... a lista é infindável. É

já difícil encontrar uma área da vida humana em que um Psicólogo não esteja presente. E ao lado do Psicólogo ou do Cientista Cognitivo, rapidamente se coloca o Jurista e o Político.

A vida íntima é um campo de poder e de riqueza, exactamente como os campos de petróleo e diamantes da Sibéria e de Angola são campos de poder e de riqueza. Na vida íntima, no segredo das mentes humanas, decidem-se assuntos mais importantes do que o petróleo e os diamantes. Quais são esses assuntos? São estes: decisões comerciais, decisões de escolha política, decisões de crença. É no segredo da intimidade que escolhemos se vamos comprar um automóvel de 10000 euros ou de 80000 euros. É no segredo da intimidade que decidimos se votamos no partido X ou no partido Y. Quem dominar a intimidade faz um curto-circuito aos mecanismos do Poder. Se antes das decisões se puder influenciar as decisões, as decisões serão a favor do que se quiser. Não há novidade neste processo. Sempre foi assim. Por exemplo, as religiões estiveram quase sempre em relações íntimas com os estados. O Sacerdote e o Príncipe sempre tiveram muito a dizer um ao outro. A existir alguma novidade neste processo, é a da rapidez em que acontece e a da ausência de crítica. A rapidez justifica-se pela tecnologia que auxilia os estados, a Ciência e o Direito a dominarem as pessoas. A ausência de crítica justifica-se pelas vidas confortáveis que levamos. A barriga cheia sempre deu vontade de dormir. O nosso tempo está, pois, numa *siesta* permanente que pode facilmente transformar-se em coma.

Como é que a simpática Psicologia participa neste processo? Toda a gente gosta da Psicologia! A Psicologia tem acesso fácil à vida interior das pessoas. Porém, ninguém





ainda explicou como é que a realidade mais excepcional de todo o universo conhecido, a mente humana consciente, pode ser objecto de ciência. Podemos estudar ossos e fígados: todos os animais têm ossos e fígados. Coisa completamente diferente é estudar o que estuda, é estudar a mente consciente. Não é possível ver uma vaca a pastar no campo a estudar-se a si mesma. Não há vacas com a consciência humana, nem montanhas, nem computadores. Isso faz toda a diferença. Seja como for, tomou-se como evidente que a mente humana pode ser estudada cientificamente, e vai daí começou o domínio não científico, mas político-científico da Psicologia. Onde há séculos atrás estavam os Inquisidores a controlar as crenças das populações saudáveis da Europa, estão hoje os Psicólogos e os Psiquiatras. Eles não querem ciência e não conseguem provar que a mente humana, realidade única no universo, pode ser compreendida cientificamente. Digamos com todas as letras: eles querem poder social.

Como funciona, então, a Psicologia? Bem, simplifiquemos: funciona inventando categorias de distúrbios. A estratégia é semelhante àquela que a Psiquiatria sempre utilizou. A nosografia é a porta de acesso ao poder social. A descrição do que se vê e do que não se compreende é rapidamente acompanhada pela imposição de um nome. Sem nome não há distúrbio, nem doença. O domínio do indivíduo acontece pela linguagem. Inventam-se condições, distúrbios, síndromes, patologias, enfermidades. Os nomes auxiliam a solidificar uma realidade que se altera rapidamente. Depois de existir o nome, até parece que o mundo tem aquela coisa que se chama de um modo ou de outro. O que não se compreende torna-se mais pequeno e tende a desaparecer.

É interessante fazer o seguinte exercício em primeira pessoa. Façamos de forma deliberada as nossas próprias doenças e distúrbios. ‘Eu tenho olhos verdes. Será que sofro de um distúrbio de olhosverditos?’ ‘Sou português. Se calhar padeço da patologia da portugalite.’ ‘Quando me sento no sofá para ver televisão, mudo rapidamente de canal com o telecomando. Será que sofro de um

grave distúrbio chamado zappinguite? Agora que digo isto, o mundo parece mesmo ter uma condição chamada zappinguite. Quando estou em conferências aborrecidas, digo para os meus botões ‘Ah, como seria bom mudar de canal!’ Quando estou numa reunião social em que as pessoas parecem todas lobotomizadas, e são muitas as vezes em que isso acontece, suspiro pelo zapping. Se calhar preciso de uma consulta de Psicologia para me auxiliar neste distúrbio de comportamento.’

Para os mais distraídos, é necessário afirmar que no mundo não há olhosverditos, portugalites e zappinguites. É absolutamente certo que, se se falar do assunto muitas vezes, se algumas pessoas fizerem teses de mestrado sobre a zappinguite e se a CNN e a BBC falarem sobre o assunto, o mundo vai acreditar que existe uma zappinguite. Parece divertido, não é? Bem as ciências que se ocupam da mente e do comportamento de seres humanos são uma vasta colecção de zappinguites. De facto, essas ciências não são sérias e aproveitam-se da credulidade de todos nós.

Só nos apercebemos disto com a panorâmica histórica. As ciências de vanguarda como as Ciências Cognitivas e, em parte, a Psicologia, só estão interessadas na rapidez e no futuro. Não é por serem grandes ciências que elas fazem isso. Fazem isso como a Medicina e a Física fazem isso. Nenhuma ciência gosta da história da sua ciência. A história das ciências não é, como se sabe, um assunto dos cientistas, psicólogos, engenheiros, médicos ou arquitectos. A história das ciências é uma disciplina dos departamentos de Filosofia das universidades. A história da ciência é uma gigantesca colecção de embaraços em que os tontos facilmente puseram as mãos no fogo da verdade por algo que, entretanto, se veio a descobrir que não valia nada. Como os departamentos de Filosofia se inserem geralmente em Faculdades de Letras, estão próximos do mundo da ficção das Artes e Espectáculos e apreciam as falsas verdades que mais ninguém quer.

A história dos assuntos mentais dá-nos esta verificação perplexa: o que diabo eles, no passado, queriam dizer com o nome deste distúrbio ou doença? A natureza humana

não muda assim tão rapidamente. Como é que *eles* puderam ver no mundo coisas que *nós*, pura e simplesmente, não conseguimos ver? Já sabem qual é a resposta a estas questões. De facto, no mundo não há nada dessas coisas, tanto antigas como modernas. Mas um mundo em que não há nada é insuportável. O que é que fazemos todos? Não há nada mas inventamos que há. Por isso, povoamos o mundo com pseudo-assuntos, pseudo-distúrbios e pseudo-doenças. No mundo não há Norte, nem Sul, nem Zénite, nem Nadir. Porém, os seres humanos descobriram desde há muito tempo que o melhor truque evolutivo para se navegar na paisagem é o de inventar um sistema artificial. A receita do sucesso é sempre a mesma: substituir o mundo vasto e infinito por uma representação pequenina, por um mundo de brinquedo.

Tente-se descobrir de que loucura eram acusadas as pessoas de outras épocas. O Doutor José Pedro Paiva, da Universidade de Coimbra, tem um livro muito interessante sobre a Diocese de Coimbra (*Práticas e Crenças Mágicas*, 1992). Os nossos antepassados do século XVII dessa diocese acreditavam que o mundo tinha distúrbios e doenças como o mal de ar, a espinhela, o quebranto, o mal do sentido, o cobrão, o fogo e a carne talhada. Quando alguém sofre de espinhela, sofre de quê? E de quebranto? Será que todos sofremos de cobrão sem saber?

Estas lições do passado auxiliam-nos a compreender o futuro. Qual é, pois, o futuro da Psicologia? Como afirmei, será um futuro brilhante. A nossa época sente que precisa de auxílios para realizar a tarefa de viver. Não seria surpreendente que aparecessem novos ramos da Psicologia para estudar a Amizade, o Amor, as Compras no Centro Comercial, o Desporto, as Crenças Religiosas, a Vida Depois do Divórcio. O modelo do sucesso futuro da Psicologia não deve ser a tradição científica mas a vida empresarial. Tudo isto lembra o episódio da gestão de empresas em que a Yamaha decidiu começar a produzir pianos. O piano não é um instrumento musical japonês nem tem tradições no Japão. Tanto faz. Se não há tradição, cria-se uma, cria-se o instrumento e cria-se a necessidade do instrumento e o público para o instrumento. A Yamaha fez os seus próprios compradores de pianos quando financiou muitas escolas de piano. As ciências da mente humana, Psicologia e Ciências Cognitivas, fazem a mesma coisa. Ao lado das actividades académicas a que apenas se dedicam alguns, existe um exército de vulgatas e de consultórios de psicologia nos jornais, revistas baratas e programas de televisão. Estas ciências, na sua enorme sabedoria, sabem que não têm qualquer possibilidade de sobreviver se não inventarem o seu próprio público.

Não passa pela cabeça de ninguém razoável acreditar que existe no mundo um problema chamado hiperactividade das crianças. É incrível, mas não se consegue ver

este distúrbio em outras épocas. Não existia, mas passou a existir como os cogumelos depois das chuvas de Outono. Na Índia, as milhões de crianças que trabalham também não têm qualquer distúrbio de hiperactividade. Se calhar é uma coisa só da nossa época. Seja como for, é um facto que encontrámos um negócio que dá para centenas de artigos e para manter muitos consultórios! Por vezes, reparamos que este estado de coisas é estranho e, muito possivelmente, errado. Um dos logros mais fascinantes e documentados dos últimos tempos foi a epidemia das Falsas Memórias. De um dia para o outro, milhares de pessoas passaram a acusar profissionais insuspeitos de as terem molestado na infância. A história da epidemia das Falsas Memórias já está feita, bem como a história de uma condição engraçada chamada Personalidade Múltipla. Os filósofos Daniel Dennett e Ian Hacking e o psicólogo Nicholas Humphrey fizeram a história cheia de aventuras de como uma pseudo-condição chamada Personalidade Múltipla entrou na bíblia dos distúrbios psiquiátricos, o DSM.

Agarrem nos anuários e catálogos das universidades que têm cursos de Psicologia e mestrados em Ciências Cognitivas. Está aí a lista dos assuntos que podem facilmente substituir as Falsas Memórias e a Personalidade Múltipla.

Este não é um panorama agradável. A benefício da verdade, que é a única coisa que importa, dois argumentos racionais apoiam o que se afirmou. Se em privado cada um produzir argumentos melhores, tudo o que foi dito acima pode ser esquecido.

O primeiro argumento é este. A Psicologia é uma arte ou uma actividade empresarial mas não uma ciência porque não consegue explicar a natureza última do seu objecto maior, a mente humana. Ninguém consegue explicar por que razão átomos e campos de força têm vida mental, sentem, têm emoções e crenças. Átomos e campos de força não deveriam sentir o que quer que seja. Este é, como se sabe, o problema difícil da consciência. Ninguém no mundo sabe por que razão existe consciência quando poderia não existir. Este não é um aspecto clínico ou terapêutico da Psicologia. Trata-se do problema fundamental. Se não há qualquer ideia sobre a natureza dos eventos e estados mentais, tudo o que a Psicologia possa fazer está baseado numa ignorância fundamental, mesmo que seja feito com boa intenção. Qualquer pessoa razoável recusa-se a entrar num prédio se souber que os alicerces não são de confiança. Com a ciência é a mesma coisa. Se não confiarmos nos alicerces, tudo o que se faça é arte, filantropismo, literatura ou gestão de empresas, mas não pode ter a honra de ser Ciência. Para se compreender bem o que está em causa, um paralelo é útil. Suponham que a geologia não faz a mínima ideia dos objectos geológicos. Não saberia o que são as rochas, os sedimentos, os estratos, de onde vieram

as montanhas e a paisagem, etc. Não nos atreveríamos a chamar ciência a uma actividade que desconhecêsse a esse ponto os seus objectos fundamentais. Para as pessoas mais preocupadas, cumpre informar que as ciências são muito poucas, e que não é mau que assim seja. Vivemos uma época desgraçada em que os Departamentos de Humanidades das universidades para receberem financiamento têm que inventar pseudo-ciências como as Ciências da Literatura. Até a Medicina conta como ciência quando é elementar que é uma arte sofisticada. Se à Medicina se retirar a farmácia e a prodigiosa investigação feita pelas engenharias, gostaríamos todos de saber o que é que fica. Provavelmente, nem a clínica sobreviveria.

Qualquer ciência tem a obrigação mínima de respeitar os seus objectos, isto é, de os descrever e de explicar por que razão existem quando poderiam não existir. As actividades humanas que não respeitam os objectos e se entretêm a inventar e a criar objectos denominam-se artes, engenharias e política. As que passam por ciências da mente na nossa época são, de facto artes, aqui e ali engenharias (sobretudo as Ciências Cognitivas) e muita actividade de convencimento político. Têm tudo, pois, para serem bem sucedidas e para que o futuro seja brilhante para elas.

O segundo argumento é este. A natureza humana é mais estável do que se pensou alguma vez. Como o circo dos *media* e das novas ideias académicas é muito rápido, facilmente nos distraímos com a aparência de novas naturezas humanas. Não é certo que elas existam, nem que a alteração da natureza humana esteja para breve. Porém, todos os pseudo-cientistas da mente têm em segredo a crença de que é possível alterar em parte a natureza humana. O verbo preferido de todos é ‘ajudar’. Não existiria clínica ou terapêutica se não se acreditasse que o que está à nossa frente pode ser alterado para melhor. Bem, de modo decorativo alteramos a natureza humana. É a parte de engenharia da Psicologia. Não se sabe o que é a mente, mas sabe-se que se pode dar um jeito.

Para termos uma visão da prodigiosa estabilidade da natureza humana, nada como ler os Clássicos. Não se deve confiar em nenhum Psicólogo, ou Cientista Cognitivo ou, até, Médico, que não tenha lido os Gregos. Nesse caso, temos que temer o pior. Eis uma sugestão. O Canto 18 da *Iliada* descreve o Escudo de Aquiles. Este texto é uma descrição notável de como era a humanidade pelo século IX a. C. Apartam-nos desse mundo trinta séculos. Se lermos o Escudo de Aquiles sem ideias preconcebidas, seremos atingidos por uma verificação extraordinária. A humanidade de há trinta séculos ocupava-se dos mesmos assuntos que nós. Isto é incrível. Reparemos na lista: continuamos a viver em cidades, temos bodas e celebrações de casamentos, as pessoas reúnem-se nas praças públicas, os conflitos existem entre privados, os juízes dirimem esses conflitos, os juízes recebem pagamento pelo seu trabalho, o povo toma partido por cada uma das partes, os polícias controlam o povo exaltado, o mundo continua a ter exércitos e não há um dia da nossa vida em que em alguma parte do mundo não aconteça um conflito armado, os belí-

gerantes recorrem ao logro e às emboscadas, as mulheres e as crianças são protegidas, continuamos a ter actividade pecuária e agrícola, continuamos a beber vinho e a apreciar o mel, o nosso mundo também tem desigualdade de distribuição da riqueza e da propriedade, continuamos a ter governantes e governados, deliciamo-nos com a música e com a dança e os rapazes continuam a procurar cair nas boas graças das raparigas. Este era o mundo há trinta séculos e, tirando alguns pequenos detalhes, continua a ser o nosso mundo. (Os detalhes são mesmo pequenos. Homero descreve manadas de bois atacadas por leões, mas já não há leões na Europa.)

A natureza humana tem uma carapaça de tartaruga imune a qualquer terapia, a qualquer clínica e a qualquer teoria. Isto é espantoso! Séculos e séculos de reflexão sobre o mental não alteraram o que quer que seja. Não é credível que a Psicologia, as Ciências Cognitivas e, até, a Medicina Psiquiátrica, consigam alterar o que quer que seja na mente humana. Já tiveram muito tempo para tentar e continuamos a ter os mesmos defeitos e as mesmas virtudes dos Gregos de há trinta séculos.

Toda esta situação faz com que seja um bom negócio um pai colocar o seu filho a estudar Psicologia ou Ciências Cognitivas. Já sabemos que funciona. Já sabemos que o nosso mundo é absurdamente paternalista e adora auxiliar-nos na tarefa de viver e adora impor-nos o auxílio na tarefa de viver. Já sabemos que rapidamente trocamos o que temos que fazer como seres humanos por um suborno de conforto. Este é um bom negócio. Convém investir nele. As bolsas de valores de Nova Iorque, Londres e Frankfurt terão a cotação de empresas de psicólogos e de psiquiatras e de cientistas cognitivos. Livros antigos, como o já clássico *Physical Control of the Mind*, do médico espanhol José Delgado, ou recentes como *Brainwashing*, de Kathleen Taylor, e *Mind Wars*, de Jonathan Moreno, apontam para essa direcção. A mente subjectiva é um vasto campo de petróleo e diamantes. Só pode dar origem a bons negócios. Como não há nenhuma razão para que os empresários sejam atormentados pela verdade, o futuro profissional ligado a estas áreas deverá ser incentivado*.

* Conferência realizada no Colóquio *Pessoas e Sintomas: Prevenção, Reabilitação e Ética em Saúde Mental*, organizado conjuntamente pela Casa de Saúde S. João de Deus e pelo Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia de Braga, em Barcelos, na Casa de Saúde de S. João de Deus, no Fórum S. Bento Menni, a 18 de Novembro de 2006. Muito agradeço a hospitalidade generosa do Doutor Zeferino V. Ribeiro e do Professor Alfredo Dinis.



Periodicidade: 3 números por ano
N.º 2 - Julho de 2007
ISSN: 1646-5180

Director
Alfredo Dinis

Assessor Editorial
João Carlos Major

Conselho de Redacção
Alfredo Dinis
Fabrizia Raguso
José Manuel Lopes
Miguel Dias Costa
Zeferino Venade Ribeiro

Conselho Científico
Alfredo Dinis (*Universidade Católica Portuguesa*)
Adriano Brandão (*Instituto Superior da Maia*)
Ângela Azevedo (*Universidade Católica Portuguesa*)
Carlos Gonçalves (*Universidade do Porto*)
Clara Costa Oliveira (*Universidade do Minho*)
Constança Machado (*Universidade de Évora*)
Fabrizia Raguso (*Universidade Católica Portuguesa*)
Fátima Lobo (*Universidade Católica Portuguesa*)
Fernando Almeida (*Instituto Superior da Maia*)
José Manuel Lopes (*Universidade Católica Portuguesa*)
Maria Rita Mendes Leal (*Universidade de Lisboa*)
Miguel Dias Costa (*Universidade Católica Portuguesa*)

Design
João Carlos Major
Fotografia da capa cortesia de *morgueFile*

Impressão
Diário do Minho

Edição
Edição conjunta do Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia de Braga - Universidade Católica Portuguesa e da Casa de Saúde de S. João de Deus, Hospital Psiquiátrico da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus.

Contactos
Revista "Pessoas e Sintomas"
Faculdade de Filosofia de Braga
Universidade Católica Portuguesa
Praça da Faculdade de Filosofia, n.º 1
4710-297 BRAGA
Tel.: 253 201 200 Fax: 253 201 210
E-mail: peessoas-e-sintomas@mail.telepac.pt
Internet: www.facfil.ucp.pt/peessoas-e-sintomas

Número avulso: 8 euros
Assinatura (3 números por ano):
- Alunos ou antigos Alunos da UCP: 15 euros
- Normal: 20 euros
- Instituições: 25 euros
- Estrangeiro: 30 euros

O pagamento poderá ser feito por cheque ou vale postal em nome de: "ALETHEIA - Associação Científica e Cultural".
Morada: Faculdade de Filosofia de Braga, Universidade Católica Portuguesa, Praça da Faculdade de Filosofia, n.º 1 4710-297 BRAGA.

- 03 Editorial**
Zeferino Ribeiro
- 05 A "Pessoas e Sintomas" na TSF**
- 10 A Representação Mental como Vivência do Sujeito**
Maria Rita Mendes Leal
- 16 Psicanálise e Teoria Mimética: Freud e Girard**
Miguel Dias Costa
- 25 Por um Novo Paradigma**
João Carlos Major
- 26 I Congresso Pessoas e Sintomas**
- 28 Desde la Formación a la Prevención e Intervención en Salud Mental: Una Perspectiva Relacional Sistémica**
Emilio Ricci
- 34 Fenomenologia (Psicopatologia) e Intersubjectividade**
Zeferino Ribeiro
- 38 Re-habilitar em Saúde Mental**
Maria Beatriz Santos
- 41 Psicologia vs. Psiquiatria: Que Caminhos a Percorrer?**
Cláudia Sousa e Ana Boaventura
- 43 O Futuro da Psicologia...**
J. M. Curado
- 48 A Relação Terapêutica na Psicologia Relacional**
Fabrizia Raguso
- 51 Braga, Cidade Milenar**

Advertência: as ideias e opiniões emitidas nos artigos e outros trabalhos constantes desta revista são da exclusiva responsabilidade dos seus autores, não reflectindo, necessariamente, as opiniões dos editores ou a tendência editorial desta publicação.